



## A edição de textos genuinamente digitais e os caminhos da filologia nas humanidades digitais

*The edition of genuinely digital texts and the ways of philology in digital humanities*

Phablo Roberto Marchis Fachin \*

Laís Cristina Trvisan Reis de Oliveira \*\*

### RESUMO

Neste artigo, procura-se situar a filologia no contexto do trabalho de preservação e acesso à informação, comum a diferentes ciências, como às ciências da informação e a biblioteconomia. Apresenta-se discussão a respeito da edição de textos genuinamente digitais e dos caminhos da filologia nas humanidades digitais. Tal discussão pauta-se pelo trabalho realizado com base na poesia digital de Ernesto Melo e Castro, obra inédita no que toca à sua produção digital. Muitos são os problemas que se impõem ao se pensar na preservação do material textual ligado à cultura digital, e muitos serão os desafios propostos para uma filologia ligada ao campo das humanidades digitais.

**Palavras-chave:** Filologia; Crítica Textual; Humanidades Digitais; Preservação e Acesso à Informação.

### ABSTRACT

This article deals with Philology in the context of preservation and access to information, common to different sciences, such as Information and Libraria Sciences. The discussion regarding the editing of genuinely digital texts and the paths of philology in the digital humanities is presented. This discussion is based on studies of the digital poetry of Ernesto Melo e Castro, an unpublished work in what concerns his digital production. Many problems arouse when considering the preservation of textual material linked to digital culture and many challenges will be proposed for a Philology related to the field of Digital Humanities.

**Keywords:** Philology; Textual Criticism; Digital Humanities; Preservation and Access to Information.

### INTRODUÇÃO

A filologia é uma ciência que estuda o texto e as suas diferentes formas de produção, organização e difusão, como um patrimônio histórico, cultural e linguístico, por meio do qual se alcança um conjunto de informação e de conhecimento em diferentes domínios do saber. Por essa razão, o labor filológico está relacionado a uma série de

---

\* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP. Endereço: Avenida Professor Luciano Gualberto, 403, CEP: 05508-900, Cidade Universitária, São Paulo, SP. Telefone: (11) 995901341. E-mail: phablo@usp.br

\*\* Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço: Avenida Professor Luciano Gualberto, 403, CEP: 05508-900, Cidade Universitária, São Paulo, SP. Telefone: (11) 970488804. E-mail: lais.cristina.oliveira@usp.br

atividades e ciências afins, entre elas o estabelecimento de textos, atividade considerada como uma das mais importantes investigações na área, e a sua relação com as humanidades digitais, um processo essencial para dinamizar o trabalho do filólogo. Em um contexto de pesquisa documental, manuscrita ou impressa, com uma série de recursos tecnológicos, advindos das humanidades digitais, que têm proporcionado novos caminhos e significativas formas de enriquecimento de ciências consideradas tradicionais, como a filologia, a paleografia, a diplomática e a codicologia, nunca se fez tão necessário um estudo substancial do texto, manuscrito, impresso ou digital, da sua história e do seu processo de criação, transmissão, a fim de situá-lo em seu contexto de produção e explicitar de forma precisa e significativa toda a sua história, materialidade e o quanto pode revelar sobre aspectos relacionados à informação científica.

Historicamente, o texto vem sofrendo transformações em sua definição, suporte e utilização, assumindo diferentes características que são discutidas em recentes investigações nascidas no centro de estudos de filologia portuguesa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, a exemplo dos trabalhos de Paixão de Sousa (SOUZA, 2013), que demonstram a possibilidade de aplicação do meio digital a fontes antigas por meio de casos concretos.

Tendo em vista essas informações, neste artigo se apresenta discussão a respeito da edição de textos genuinamente digitais e dos caminhos da filologia nas humanidades digitais. Tal discussão pauta-se pelo trabalho realizado com base na poesia de Ernesto Melo e Castro, uma obra inédita no que toca à sua produção digital, uma vez que até o momento não havia recursos, nem discussões acerca da edição e publicação desse tipo de poesia, tendo sido somente veiculada em exposições, como a que ocorreu em Brasília sobre a poesia experimental portuguesa<sup>1</sup> ou, ainda, aquela realizada sobre a própria obra de Ernesto Melo e Castro,<sup>2</sup> em São Paulo.

Assumindo o recorte da poesia experimental portuguesa, iniciada em Portugal nos anos 1960, que levanta questões sobre a epistemologia do texto e suas condições materiais, em resposta às imposições ideológicas sofridas na época do Estado Novo, o trabalho filológico em questão propõe formas para estabelecer as produções poéticas realizadas por Castro, compostas por textos que combinam diferentes linguagens, que se projetam desapegados da folha em branco e da linha tradicional de frases que os compõem, sendo livres dos meios de produção que dominaram toda a modernidade, e que, por isso, até o momento de sua composição, condicionaram a existência da poesia. Como inventor do primeiro videopoema, Castro e sua poesia propõem à filologia um novo desafio, que explora os caminhos que deverão ser tomados na edição de textos, ancorados à luz das humanidades digitais.

## A FILOLOGIA E A EDIÇÃO DE TEXTO

Auerbach (1972, p.11) afirma que “A filologia é o conjunto de atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do homem e das obras de arte escritas nessa linguagem”. Embora possua um significado amplo e contemple diversas atividades, uma daquelas considerada como a mais nobre e mais autêntica, para o filólogo, é a

---

<sup>1</sup> Entre 17 de outubro e 16 de dezembro de 2018, na Caixa Cultural, com curadoria de Bruna Callegari e Omar Khouri.

<sup>2</sup> Entre 11 de junho e 5 de agosto de 2017, Consulado Geral de Portugal.

edição crítica de texto. Isso porque há uma necessidade de se reconstituir, fixar e estabelecer textos autênticos que possam preservar, dos estragos do tempo e de interferências externas, aquilo que se denomina patrimônio espiritual de uma determinada época ou sociedade. Dessa forma, a filologia tem papel fundamental para a recuperação e a preservação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura, imprescindível para que se possam realizar pesquisas com bases fidedignas em diferentes aspectos dos textos: linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc.

Lidando, inicialmente, com textos manuscritos e, depois, passando aos impressos, um dos problemas que se impunham aos filólogos era a existência de diversos testemunhos que denunciavam os complexos processos de transmissão textual ao longo de séculos, e que os desafiavam a descobrir qual ou quais textos se aproximavam do original. As discussões sobre a edição de texto, entretanto, vão muito além do próprio trabalho de edição, contemplando também a postura que os editores deveriam assumir quando trabalham no estabelecimento de um texto, que seria associado à imagem de um autor. A complexidade envolvida, tendo em vista a particularidade testemunhal de determinadas obras, e a metodologia utilizada para a sua edição ocasionaram mudanças significativas para o conceito de crítica textual e, conseqüentemente, para a maneira de se operar com textos de diferentes épocas e particularidades. Assim a crítica textual evoluiu consideravelmente, como observa Azevedo Filho (2006, p. 16)

Dos períodos grego, alexandrino e romano aos nossos dias, bem ou mal sustentando-se na Idade Média, a crítica textual chega ao Renascimento, passando pelo maneirismo e pelo barroco, em sua marcha para o neoclassicismo, romantismo, realismo, parnasianismo e simbolismo, até chegar ao método renovador de Lachmann, de que foram dissidentes D. Quentin, ainda que parcialmente, e Bédier, este último já em nítida posição divergente. Na verdade, em Lachmann e em Bédier é que se encontram os dois pontos de partida da crítica textual de nossos dias, por isso mesmo dividida em duas grandes correntes modernas: a neolachmanniana, dos críticos alemães e italianos, e a neobedieriana dos críticos franceses. Tanto numa como noutra, a edição crítica é tida como operação inteiramente indispensável à perfeita compreensão de um texto, com segura base filológica, pois a filologia é a ciência que se volta, deliberadamente, para a análise e compreensão dos textos, no caso recorrendo a critérios que melhor possam aproximar um texto à última vontade consciente de seu autor.

Restituir a forma original do texto e torná-lo acessível ao público, com a garantia de ser uma obra fidedigna e própria para os mais diferentes campos de pesquisas e áreas de estudos, são questões pertinentes para a filologia e, desse modo, o filólogo assume em seu ofício, muitas vezes, a prática que pode se assemelhar àquela associada a de um editor. A edição de textos quando realizada por um filólogo tem como principal preocupação a garantia do estabelecimento do texto de modo mais fidedigno possível, bem como sua materialização em diferentes tipos de edições, preparadas tendo em vista as exigências da própria obra e o público a que se destina. Deve-se destacar que, embora com uma tradição textual ampla e um conjunto de variantes bem detalhado, nem sempre é possível reconstruir o original de uma obra, objetivo da crítica textual, em grande parte, dos séculos XIX e XX.

Dependendo do material a que o pesquisador tem acesso, o estudo crítico pode apresentar diferentes vertentes, uma delas voltada para obras cujo original se perdeu

ou não está localizado, justificando o processo de reconstituição e estabelecimento de um texto crítico; outra voltada para obras com original localizado, muitas vezes com testemunhos de alterações do próprio autor, direcionando o trabalho para um caminho diferente ao da reconstituição textual, para o de revelar o processo de transformações que determinada obra sofreu, principalmente em seu contexto autoral. Tendo em vista um panorama histórico de modos de editar textos, encontram-se atualmente diferentes linhas “teóricas, tais como a francesa de Bédier, a italiana de Contini, Stussi, Segre, a alemã de Karl Lachmann, a norte-americana de Greg, Tanselle, Gaskell, Bowers e outros” (SOUZA, 2017, p. 33). Uma das edições mais comuns no meio acadêmico, porque garante bases textuais fidedignas para as pesquisas dentro desse contexto, é a edição crítica, resultado da investigação minuciosa sobre determinada obra, em que se compararam todos os textos publicados em vida de seu autor e as alterações realizadas por seus editores, que dão a ver uma distância entre as novas versões publicadas e o original do escritor. De acordo com Borges e Souza (2012), nos avanços sobre as discussões filológicas, passou-se, então, a uma nova abordagem do texto:

Nesta outra abordagem, prescinde-se da necessidade de encontrar a verdade oculta(da) do texto durante sua transmissão, uma vez que se acredita que as mudanças documentadas nos diversos testemunhos da tradição revelam as diversas maneiras como uma dada sociedade compreendeu e reinventou um texto. Essas possibilidades expressas acima parecem figurar as duas grandes vertentes editoriais contemporâneas (BORGES; SOUZA, 2012, p. 22).

Ivo Castro (1995, p. 6-7), coordenador da edição crítica da obra de Fernando Pessoa, em seu ensaio denominado “Retorno à filologia” – em alusão ao artigo de Paul de Man, “The return to philology” –, defende que a filologia, hoje, “[...] fundamentalmente ainda que não [de modo] consensual”, se recusa a prometer resultados absolutos e definitivos, “[...] uma vez que o original perdido é irrecuperável”, de modo que “[...] nenhuma edição crítica é mais do que uma ‘proposta de trabalho’, e nenhuma encerra definitivamente a forma e a significação de um texto”.

Considerando-se necessário o cuidado filológico com os textos para o seu conhecimento apurado, da sua história e de todos os elementos por eles testemunhados, trabalhos interdisciplinares, que envolvem, além da filologia, as humanidades digitais, têm cumprido um importante papel, ao possibilitar descobertas de novas soluções, principalmente digitais, a antigos problemas, suscitando, assim, novas reflexões sobre diferentes áreas do saber, em variados contextos, histórico, cultural, linguístico, educacional, social, político, etc. O uso de tecnologias computacionais no labor filológico propõe novas aberturas no campo de estudo da filologia, nomeadamente na área de humanidades digitais, que discute a “repercussão das atuais ferramentas tecnológicas na materialidade do texto, acerca das potencialidades oferecidas pelos novos recursos, mas também na verdadeira revolução que estes supõem” (BANZA; GONÇALVES, 2013, p. 4).

## O LABOR FILOLÓGICO E AS HUMANIDADES DIGITAIS

O estudo comparativo de diferentes versões de uma obra, por meio do qual se procura estabelecer um único texto, ou ainda, que permita ao leitor ver todas as versões e chegar ele mesmo às suas conclusões; ou então, que seja capaz de

reconhecer e transcrever documentos com letras manuscritas ou tipografias que os olhos destreinados não são capazes de identificar, e que estabelece (e continuamente discute e reflete) critérios de transcrição de modo a tornar o texto acessível a qualquer um, são atividades que competem ao filólogo. O seu labor, além disso, tem se transformado e, de certa forma, dinamizado por meio da sua relação com as humanidades digitais, principalmente quanto à preservação e ao acesso documental, tema comum e muito discutido na área da ciência da informação.

A preservação de livros no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, por exemplo, recorre ao processo de digitalização, que, assim, exigem cuidados em sua correta identificação, garantindo ainda um outro nível de preservação, de metadados, para além do objeto material. Os livros, que são os objetos materiais, transformam-se em arquivos digitais, os quais, compilados em centenas de imagens, são compartilhados entre outras centenas de registros do sistema DSpace, que, assim, vão compondo um dos maiores acervos preservados digitalmente no Brasil. Aliado a esse processo de preservação, que preserva a informação original de modo mais fidedigno possível, há também o processo de acessibilidade da obra pelo público, ou, no caso das bibliotecas digitais, pelos usuários.

A ciência da informação e a biblioteconomia têm realizado trabalho de colaboração que avança nos estudos sobre os arquivos digitais, sua preservação e seu acesso. Reflexões sobre a devida catalogação e a identificação dos objetos materiais presentes em um acervo, para torná-los acessíveis para pesquisa e consulta de modo mais eficaz possível, são questões comuns no ambiente das bibliotecas digitais. Esse pensar menos analógico, especialmente no que tange ao gerenciamento e criação de repositórios e bibliotecas digitais, certamente tem oferecido importante contribuição às discussões sobre as humanidades digitais que tocam a filologia para textos digitalizados, como vemos no trabalho de pesquisadores que têm se debruçado sobre o tema, a exemplo do estudo aqui referido de Paixão de Sousa.

Outro exemplo de experimentação no campo de edições digitais é o destacado projeto de *Edição digital de Fernando Pessoa* (SEPÚLVEDA; HENNY-KRAHMER, 2017), que enumera as possibilidades que podem ser oferecidas por uma edição crítica digital, como se pode perceber pelo que afirma o grupo de estudiosos responsável pela edição:

A edição beneficia das possibilidades oferecidas pelo formato digital, oferecendo ao leitor uma combinação de diferentes modos de edição dos textos e propondo uma nova forma de crítica textual, no âmbito do estudo e edição da obra pessoana. [...] Adotando uma abordagem que privilegia o acesso a todos os elementos significativos de cada documento, é feita apenas na primeira e na última versão do texto editado uma escolha de entre estes elementos, para além da correção de gralhas evidentes em qualquer das versões editoriais. [...] Um motor de busca facilita a pesquisa por conteúdos específicos e proporciona distintos modos de acesso à informação contida nos textos. Diversos índices, de nomes, títulos de obras e periódicos referidos nos documentos, ajudam a organizar a informação neles contida. O acesso aos textos pode ser feito de diversos modos, pesquisando por um autor, um documento, uma publicação, uma obra ou um gênero literário.

Trabalhos como esses, cada vez mais presentes, nos mostram que as novas tecnologias, quando inseridas no trabalho de edições de textos, trazem inovações

nos estudos filológicos, uma vez que vão além do pensamento alfabético, para incorporar códigos. Isso porque os filólogos, dedicados aos estudos dos impactos da tecnologia em seu trabalho, têm a consciência de que as telas de seus computadores pessoais não passam apenas de uma ilusão da escrita, ou seja, simulacros, uma vez que por trás dos caracteres apresentados na tela há códigos processados por *software* que dão a impressão de se escrever em uma folha, com linhas e margens, como defende Paixão de Sousa (SOUSA, 2013), propondo uma nova forma de enxergar a materialidade do texto, *descorporificada*, que amplia as possibilidades de sua edição.

De acordo com a autora em questão, “a edição eletrônica amplia os horizontes técnicos do trabalho filológico, por *libertar* as técnicas de representação editorial das limitações materiais colocadas anteriormente pela tecnologia do impresso” (SOUSA, 2013, p. 127, itálico da autora). Ilustra essa ideia o exemplo do caractere “f”, “s logo”, utilizado em manuscritos dos séculos XVI e XVIII. Por não fazer parte do inventário de caracteres em uso nos séculos XIX e XX, esses símbolos não se encontravam em máquinas de escrever e eram irreprodutíveis no sistema mecânico do século passado (SOUSA, 2013, p. 128). Tal problema pode ser solucionado por meio do uso de caracteres eletrônicos codificados, conhecidos como *latin small letter long S*, ou U+107F, no padrão codificado UTF-8, por meio da combinação binária: 11000101:10111111. Dessa forma, o texto eletrônico permitiria uma maior aproximação do original manuscrito do que o produzido por meio mecânico. Nas palavras de PAIXÃO de SOUSA (SOUSA, 2013, p. 129, itálico da autora):

A lógica da difusão digital tem portanto como característica central (e, na minha visão, como característica mais interessante) a desvinculação entre o texto lógico e seu suporte material. Ele *descorporifica* o texto. Ele permite que um “texto” apareça como infinitos textos, de infinitas formas, em infinitos outros espaços, em infinitos tempos. Ela desvincula a representação dos caracteres (por exemplo) de qualquer limitação física – toda e qualquer forma pode ser representada, desde que seja logicamente prevista, pois as formas dos caracteres nesse caso não são mais que pontos distribuídos em uma matriz lógica, e não física. De fato: o texto digital não tem corpo – e essa descorporificação abre um mundo inteiramente novo para o ofício da edição filológica.

O aprofundamento dessas questões, na filologia, tem levado a uma tendência, inclusive, em universidades no exterior, que já contemplam cursos nessa temática, como é o caso do Curso en Filología Digital da Universitat Autònoma de Barcelona, na Espanha, que oferece caminhos que situam a filologia tradicional num contexto digital:

Uno más filológico-literario, con el estudio de las posibilidades de aplicación del recurso digital al estudio literario, la paleografía y la edición de textos (edición crítica y dossier genético), así como un panorama de proyectos de investigación filológicos digitales. Otro, más lingüístico, con la presentación de las tecnologías del habla, la lingüística de corpus y lexicografía digital, así como la semántica cognitiva y el procesamiento semántico automático del lenguaje (UAB, 2019).

Esse tipo de exemplo possibilita um olhar diferenciado para a edição da poesia digital, mais precisamente a videopoesia de Ernesto de Melo e Castro, a ser preservada em um ambiente de biblioteca virtual, tornando acessível seu conteúdo aos leitores, por

meio dos recursos que lhe são próprios para a exibição. As investigações nos arquivos digitais de livros impressos, no entanto, têm encontrado mais possibilidades, até o momento, do que aquelas que podem ser encontradas no estudo de videopoemas, embora apresentem o mesmo problema, uma vez que a dificuldade em processar a linguagem utilizada do texto dificulta suas buscas, cabendo ao trabalho do filólogo a investigação para preservar e tornar o texto acessível. Para isso, é essencial o encontro da filologia com as humanidades digitais

## O TEXTO GENUINAMENTE DIGITAL E A POESIA DIGITAL

Neste artigo, procura-se situar a filologia no contexto do trabalho de preservação e acesso à informação, que é comum a diferentes ciências, como as ciências da informação e a biblioteconomia. A ligação dos filólogos com as bibliotecas remonta à época da Antiguidade clássica, na biblioteca de Alexandria, em que eram habilitados em diferentes línguas e, por isso, capazes de organizar os materiais daquela que é considerada a mais importante biblioteca da história.

Atualmente, as exigências em uma biblioteca vão muito além de conhecer apenas um outro idioma. No que se refere à catalogação de obras de arte, o conhecimento do bibliotecário deve abranger as especificações de cada objeto, para sua correta identificação. Por isso, tornam-se cada vez mais urgentes discussões sobre a classificação dos objetos materiais, especialmente no que toca à arte contemporânea, que avança cada vez mais nos estudos interartes, o que torna cada vez mais confuso o processo de catalogação, por exemplo, devido à pluralidade de suas linguagens.

A videopoesia, criada nos fins dos anos 1960 por Ernesto Melo e Castro, é um desses caminhos que apontam para discussões acerca de sua correta identificação e classificação. Isso porque, além de constituir importante aspecto literário, sendo assim um poema, ou contendo poesia, a obra também conta com elementos visuais, sonoros e, inclusive, performáticos, que oferecem mais de um campo de interpretação e interesse para o usuário/leitor. Além disso, a videopoesia, com a obsolescência das tecnologias, torna-se cada vez mais difícil de ser rastreada em seu panorama histórico, já que, dependendo de recursos digitais, encontra graves problemas para seu estabelecimento, publicação, veiculação e preservação, sendo assim, necessário aos acervos digitais pensarem medidas para o desenvolvimento de políticas que abriguem obras nessa condição, de modo a oferecer uma maior valorização da produção artística de nosso século.

No que faz referência à filologia, uma das questões que podem ser trazidas à luz com relação às humanidades digitais é como se editar um poema digital, já que a materialidade do texto poético é dissolvida no uso de diferentes recursos intermediários. A partir do uso das ferramentas computacionais no fazer poético, as noções de edição de poesia tornaram-se, também, mais desafiadores para a filologia, isso porque a edição da poesia digital tem vistas ao estabelecimento do texto de modo a oferecer, para futuras pesquisas, um material fidedigno ao pesquisador, que seja capaz de proporcionar um estudo com bases científicas do seu processo de criação, como postula Barreiros (2014, p. 38):

A estruturação dos *links*, o tipo, tamanho e cor das fontes, o uso de maiúsculas e minúsculas, as técnicas para destacar palavras, o equilíbrio do espaçamento da entrelinha, o enquadramento da página e o uso de imagens, exigem técnicas que foram desenvolvidas ao longo da história da escrita. A depender do

contexto, a escrita digital converte-se numa mídia a que, além dos elementos da cultura impressa, agregam-se som e movimento e, quando disponibilizada na internet, ganha conotações culturais bastante amplas, sendo necessário expandir a noção de texto, editoração, autoria e acesso à informação.

Uma nova realidade soma-se à tarefa do filólogo, a de lidar com um texto que nasce não manuscrito, tipografado ou impresso, mas genuinamente digital. Isso modifica os modos de pensar a preservação e o acesso desses materiais. Sabe-se que o arquivo digital é mais frágil que aquele impresso quando armazenado adequadamente, isso porque sua existência está condicionada ao formato em que foi criado, que muitas vezes, só poderá ser executado por determinado *software*, que condiciona sua existência aos interesses comerciais das grandes companhias tecnológicas. Em outras palavras, se a empresa que detém os direitos sobre determinado sistema lançar uma nova versão que não seja mais compatível com o antigo, muitos arquivos naquele formato serão perdidos e, com eles, conteúdos importantes que podem ser das mais diversas ordens.

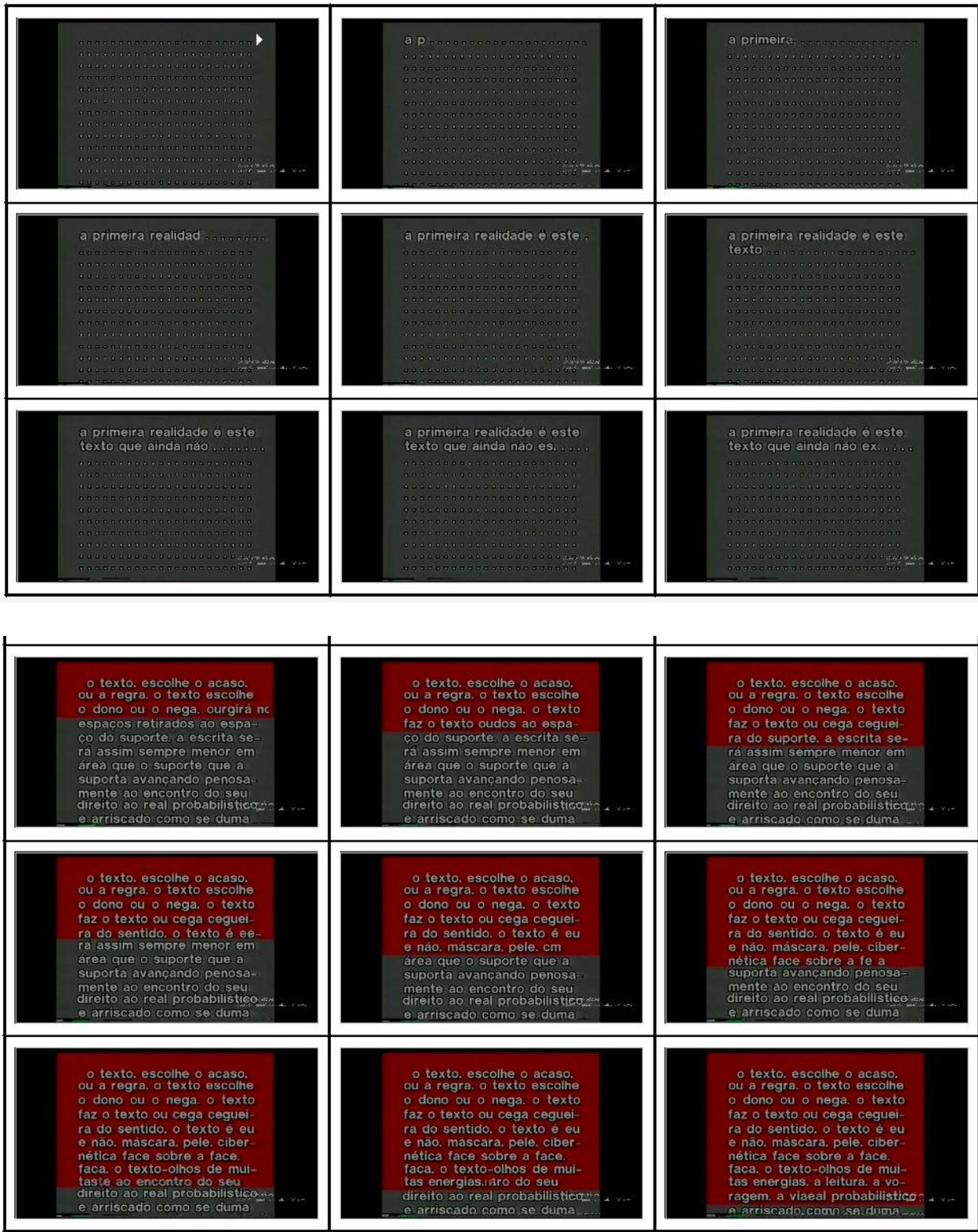
Para melhor esclarecer a atenção que deve ser tomada por um filólogo na edição de poesias digitais, toma-se aqui como exemplo um videopoema<sup>3</sup> que compõe a série chamada *Signagens*, produzida entre os anos de 1985 e 1989 por Ernesto Melo e Castro, atualmente ainda inédito de edição. Nesse caso, o material apresentado foi realizado no contexto do Instituto Português de Ensino à Distância e na Universidade Aberta, que de acordo com a pesquisadora, Daniela Côrtes Maduro (2015), que colabora no projeto Po-ex.net,

Para escrever os videopoemas nesta série, o autor usou os estúdios da RTP e novo equipamento digital e eletrônico (Reis, 2014: 105). Melo e Castro propõe frequentemente exercícios teóricos e autorreflexivos sobre a linguagem e tecnologias de inscrição. De acordo com o autor, a videopoesia propõe a fusão entre dois quadrantes (Melo e Castro, 2014: 89): a oralidade (“som, tempo e valores rítmicos, a pender para a música”) e a visualidade (“valores visuais e espaciais, a pender para as artes plásticas”). Segundo Melo e Castro, um videopoema realiza uma “dinâmica verbal-vocal-sonoro-visual-colorida” (Melo e Castro, 2007: 179) oferecendo ao leitor uma experiência sensória acrescida.

---

<sup>3</sup> Os frames da obra de Ernesto Melo e Castro são inéditos e autorizados para uso pelo próprio poeta.

Quadro 1. Poesia inédita de Ernesto Melo e Castro.



Fonte: imagens capturadas da tela enquanto o poema era transmitido.

Tomando esse exemplo e a possibilidade de sua edição, é necessário perceber quais elementos são relevantes para a transmissão do conteúdo, sua preservação e acessibilidade. A materialização do texto descrito na imagem, por meio de recursos como aquele oferecido pelo OCR, é uma possibilidade que vem sendo estudada na

pesquisa. Entretanto, não é suficiente, uma vez que, levando em consideração o contexto de ditadura em Portugal, todo o caráter performático do videopoema é essencial para a compreensão de sua obra. Por isso, conseguir rastrear a posição em que as palavras vão aparecendo, escritas *frame a frame*, interessa saber, assim como todo o processo de reescritas, como um palimpsesto, e a escolha da coloração cinza, e como, posteriormente o vermelho que escorre pela tela, como pistas da leitura que se realiza.

No que diz respeito à sua produção textual, a forma como determinada documentação é utilizada também pode nortear suas características materiais, gráficas e implicações históricas na compreensão de seu valor e significado. Isso porque seu estudo não ocorre exclusivamente por meio dos próprios elementos visuais, mas de todo o seu processo, o que amplia a sua potencialidade informativa e é determinante para fornecer material de pesquisa para diferentes áreas do saber, entre elas, a literatura, que poderá teorizar sobre as escolhas que o poeta realiza e os significados que pretende depreender, a música<sup>4</sup> e a *performance*, pois há presença de som e de movimento, dando a impressão de que o texto parece estar sendo escrito ao vivo. De acordo com o filósofo Pierre Lévy (1999), autor do livro *Cibercultura*, a tecnologia propicia um novo papel para o leitor em relação ao texto, bem como uma nova maneira de interação:

Em relação às técnicas anteriores de ajuda à leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor. Está sendo inventada hoje uma nova arte da edição e da documentação, que tenta explorar ao máximo essa nova velocidade de navegação entre as massas de informação que são condensadas em volumes cada vez menores. De acordo com uma segunda abordagem, complementar, a tendência contemporânea à hipertextualização dos documentos pode ser definida como uma tendência à indeterminação, à mistura das funções de leitura e de escrita (LEVY, 1999, p.57)

Diante desse contexto textual e digital, haveria, portanto, uma mudança também na forma de se editarem os textos, já que a produção digital deslocaria as noções tradicionais de autor e leitor, uma vez que os arquivos podem ser modificados. Um exemplo desse tipo de interação, no Brasil – onde a poesia digital possui longa tradição, embora pouco difundida – é o poema “Econ”, da artista Sílvia Laurentiz<sup>5</sup> (1998), baseado no poema “O eco e o icon” de E. M. de Melo e Castro. Transposto do meio impresso para o digital, sem alteração de conteúdo, “Econ” foi construído em um ambiente virtual em que o leitor poderia navegar de um verso para outro, construindo sua própria significação. Para facilitar a leitura linear, os versos eram apresentados com jogos de cores que sugeririam a sequência. Entretanto, o leitor

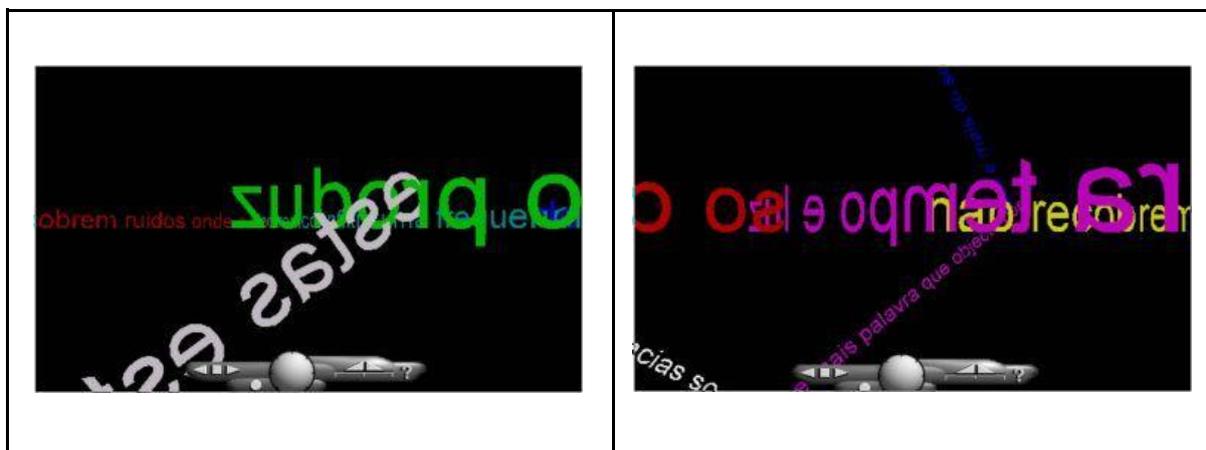
---

<sup>4</sup> A pesquisadora Flora Holderbaum, por exemplo, realiza doutorado no Núcleo de Pesquisas em Sonologia da USP, com orientação de Fernando Iazzetti, sobre a intersecção da poesia com o som, seja a voz, a fala, o violino, sons do cotidiano e eletronicamente manipulados.

<sup>5</sup> O poema não se encontra mais disponível em nenhum lugar. Para conseguir informações acerca da produção foi consultado o artigo de Karin Wenz, “Transmedialization: an interart transfer” ([entre 2001 e 2004]).

poderia se transformar no autor, a partir do momento que ele criaria com outras ligações.

#### Quadro 2. Capturas de tela realizadas durante a execução do poema.



Fonte: as imagens foram retiradas da internet e não se encontram mais disponíveis.

Trata-se de excelente exemplo para destacar a importância de um estudo sobre a preservação desse tipo de material digital, uma vez que, para a composição do poema, de 1999, foi empregado o uso de tecnologia VRML, que atualmente se tornou obsoleta, não sendo mais possível acessar seu conteúdo de modo direto.

Em seu estudo, Antonio (2005) afirma que, apesar de ter 50 anos, a poesia digital só se tornou mais conhecida a partir do computador pessoal (1981) e da implementação da rede digital (WWW, em 1989), pontuando o nascimento da poesia digital, ou poesia eletrônica, na Alemanha, em 1959, com *Stochastische Texte* (Textos estocásticos), de Theo Lutz, cujo relato-manifesto foi publicado na revista alemã *Augenblick*, de outubro/dezembro de 1959. De acordo com o estudioso, em entrevista ao *Jornal da Unicamp* publicada no site da Fapesp, Lutz “escolheu as cem primeiras palavras de *Das Schloss* (O castelo), de Franz Kafka, e criou novos textos a partir delas, usando um programa computacional que produzia frases na estrutura da língua alemã” (KASSAB, 2009).

A tecnologia empregada, em muitos desses experimentos, tornou-se obsoleta para nossa época, o que acaba dificultando o acesso a esses materiais. No caso da produção de Lutz, citado como o primeiro poema digital que se tem conhecimento, uma das impossibilidades é o desconhecimento da informática do final dos anos 1950. O acesso ao poema pioneiro só foi possível devido ao trabalho dos estudiosos alemães Friedrich W. Block e Johannes Auer, que reproduziram o poema com a linguagem de programação atual, uma vez que ele só poderia ser reproduzido em um computador Zuze Z 22, que só existe em um museu de Berlim.

O caso de Lutz é ilustrativo para os caminhos que se pretende tomar no projeto a respeito da obra de Castro e que retomam o campo da filologia, ligada às humanidades digitais. Isso porque, apesar de um vasto histórico acerca das experimentações entre poesia e tecnologia, em breve já não será possível se ter acesso a esse conteúdo mais antigo, especialmente por problemas de compatibilidade entre os programas utilizados no desenvolvimento daqueles materiais e os programas que vêm sendo desenvolvidos atualmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os problemas que se impõem ao se pensar na preservação do material textual relacionado à cultura digital, e muitos serão os desafios propostos para uma filologia ligada ao campo das humanidades digitais. Trabalhos como os apresentados neste artigo trazem, além das reflexões sobre a forma de se editarem os videopoemas, ainda mais uma problematização, que discorre sobre o cuidado dispensado para as criações poéticas hospedadas em sites que vão ficando fora do ar, devorados por aquele que seria o papirógrafo de nossa época, “o erro 404”, ou a temível mensagem que surge no navegador: *Page not found*.

A recuperação, a preservação e o acesso de arquivos e dados digitais são tarefas imprescindíveis que precisam ser realizadas o quanto antes e refletidas pelas mais diferentes áreas de saber, tendo em vista, sobretudo, o interesse do usuário e como as obras poderão se tornar de fácil acesso para sua consulta. Além disso, a vinculação de obras digitais aos acervos também digitais permitiria aumentar a identificação e preservação desses materiais, uma vez que as publicações digitais ainda são escassas, quando comparadas com as publicações impressas, e por isso encontram uma grande dificuldade de legitimação e, logo, de interesse para serem pesquisadas.

Desse modo, espera-se que as obras poéticas digitais ganhem um novo status de interesse a partir da proliferação de bibliotecas e repositórios digitais. Ainda que, em muitos casos, o livro digital se trate apenas de uma fotografia do livro impresso, já existem algumas tentativas, como no caso da Biblioteca Brasileira, já citado anteriormente, de despertar a interação do usuário com a obra no uso, por exemplo, da aplicação do código OCR.<sup>6</sup>

Espera-se, assim, que a discussão construída neste espaço sirva para contribuir com pesquisas sobre o papel do leitor, enquanto usuário, e seu comportamento nas redes, que poderá, certamente, ser relevante no aperfeiçoamento tanto do labor filológico e da criação de outras possíveis edições digitais quanto de outras áreas à luz das humanidades digitais.

Artigo recebido em 31/01/2019 e aprovado em 17/04/2019.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIO, J. *Poesia eletrônica: negociação com processos digitais*. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
- AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- AZEVEDO FILHO, L. *Sobre o conceito de edição crítica*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- BANZA, A.P; GONÇALVES, M. F. *Patrimônio textual e humanidades digitais: da antiga à nova filologia*. Évora: Cidehus, 2013.

---

<sup>6</sup> OCR é um acrônimo para o inglês Optical Character Recognition, uma tecnologia para reconhecer caracteres a partir de um arquivo de imagem ou mapa de bits, sejam eles escaneados, escritos a mão, datilografados ou impressos. Dessa forma, através do OCR, é possível se obter um arquivo de texto editável por um computador.

BORGES, R.; SOUZA, A. M. de. Filologia e edição de texto. In: BORGES et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

CASTRO, I. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto D. (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CAMBRAIA, C. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CALLEGARI, B.; KHOURI, O. *Poesia experimental*. Brasília: Caixa Cultural, 2018. Catálogo.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SOUZA, Luana Batista de. *Era uma febre, era um delírio*: edição crítica de O seminarista, de Bernardo Guimarães. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

## WEBGRAFIA

BASTOS, J. Poeta Português Ernesto de Melo e Castro ganha exposição em São Paulo. *Folha de S. Paulo*, 11 jun. 2017. Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1891871-poeta-portugues-ernesto-de-melo-e-castro-ganha-exposicao-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 31 de ago. 2019.

BLOCK, Friedrich W. *Stochastische Texte by Theo Lutz and Free Lutz by Johannes Auer*. In: BLOCK, Friedrich W.; TORRES, Rui. *Poetic transformations in(to) the digital*. Paris: E-poetry 2007.

BARREIROS, P. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da crítica textual: rumo às hiperedições. *Filologia e Linguística Portuguesa*. v.16, n.1, 2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/flp/article/view/83492>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

KASSAB, A. A poesia eletrônica, quem diria, faz 50 anos. [Entrevista com Jorge Luiz Antonio]. 8 set. 2009. Disponível: <<http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/31961/poesia-eletronica-diria-50-anos>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

MADURO, Daniela Côrtes. “Signagens” de E. M. de Melo e Castro [Recensão crítica]. *Arquivo Digital da po.ex: poesia experimental portuguesa*. 2015. Disponível em: <<https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografafas/daniela-cortes-maduro-signagens-de-e-m-de-melo-e-castro-recensao/>>. Acesso em: 6 maio 2019.

PO-EX. *Poesia experimental portuguesa*. Curadoria de Bruna Callegari e Omar Khouri. [Cartaz]. Disponível em: <<https://po-ex.net/noticias/exposicoes-noticias/poesia-experimental-portuguesa-caixa-cultural-brasilia-brasil-17-10-a-16-12-2018/>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SEPÚLVEDA, P.; HENNY-KRAHMER, U. (Ed.). *Digital edition of Fernando Pessoa: projects and publications*. Editorial coordination by Pedro Sepúlveda. Technical coordination by Ulrike Henny-Krahmer. Lisboa: Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT), Universidade Nova de Lisboa; Colônia: Cologne Center for eHumanities (CCeH), University of Cologne 2017. Disponível:

<<http://www.pessoadigital.pt/en/index.html>>. DOI: 10.18716/cceh/pessoa. Acesso em: 31 de agosto 2018.

SOUSA, M. C. Paixão de A filologia digital em língua portuguesa: alguns caminhos. In: BANZA, Ana Paula; GONÇALVES, Maria Filomena (Coord.). *Patrimônio textual e humanidades digitais: da antiga à nova filologia*. Évora: Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora: Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), 2013. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/10468/1/e-book.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

UAB [Universidade Autônoma de Barcelona]. *Curso de Filologia Digital*. 2019. Disponível em: <[http://www.uab.cat/web/postgrado/curso-en-filologia-digital/informacion-general-1206597475768.html/param1-3214\\_es/](http://www.uab.cat/web/postgrado/curso-en-filologia-digital/informacion-general-1206597475768.html/param1-3214_es/)>. Acesso em: 31 out. 2018.

WENZ, K. *Transmedialization: an interart transfer*. [entre 2001 e 2004]. Disponível em <<https://www.netzliteratur.net/wenz/trans.htm>>. Acesso em: 9 de ago. 2017.